as outras cunhás

milton dias



"A província é um celeiro de bons e grandes escritores. Não são escritores de província, como se poderia dizer, com a Intenção de diminuí-los, mas escritores de valor que escrevem na província e, porque escrevem bem, repercutem nos grandes centros intelectuais, especialmente no Rio de Janeiro. É o caso de Mílton Dias."

Austregésilo de Athayde

"A impressão do cunhãzal é a mesma das criações anteriores. Aquela claridade de estilo, a movimentação natural dos diálogos, o sangue-vivo das figuras, a ternura fiel nordestina, numa moldura afetuosa de apresentação. Contra a tradição euclideana e clássica do falar-bonito, emproago e flamante. As Cunhãs, de Mílton Dias, desfilam numa poderosa simplicidade de virgem-nua, sem pecado vocacional, espalhando fomes de perpetuidade. Não quero escolher a predileta, porque, lendo-o, canto a cantiga do quero-essa, quero-aquela, na indecisão da fartura. Lindo livro."

Câmara Cascudo

"Dando ao livro o subtítulo de "estórias e crônicas", o que Mílton Dias escreve, na verdade, é uma "crônica" da cidade natal vista pelo mundo das cunhãs. As crônicas do Sr. Mílton Dias são, por isso mesmo, tanto quanto as do Sr. Fernando Sabino, verdadeiros contos, de intriga mais ou menos sólida e de interesse variável."

Wilson Martins

"O bom cronista é típico da literatura brasileira. Temo-los em grande quantidade. É de qualidade acima da média. Em janeiro deste ano, li o livro **As Cunhãs**, de Mílton Dias, e nele descobri um cronista que vive em parceria com um ficcionista, um narrador. Nem bem

as outras cunhās

The residence of the latter of

THE PARTY OF THE PARTY OF THE PARTY OF

Do Mesmo Autor:

- "Sete-Estrelo" (crônicas) Imprensa Universitária do Ceará.
- "As Cunhãs" (estórias e crônicas) Editora Comédia Cearense.
- "A Ilha do Homem Só" (estórias e crônicas) Gráfica Record Editora Rio.
- "Entre a boca da noite e a madrugada" (crônicas) Prêmio Cidade de Fortaleza Imprensa Universitária do Ceará.
- "Cartas sem resposta" Imprensa Universitária do Ceará.
- "Viagem no arco-iris" (em colaboração com Cláudio Martins)
 Imprensa Universitária do Ceará.

Inéditos:

"Senhora da Sexta-Feira" (romance).

"Viagem no conto francês".

Dias, José Milton de Vasconcelos, 1919-As outras cunhãs. Fortaleza, 1977. 113 p.

I. Titulo

CDD B 869.301

milton dias

as outras cunhas

estórias de domésticas

- A.C.L. -

FORTALEZA CEARA

Reg. n.º_

0343 19

Coleção Antônio Sales:

- 1 A Academia de 1894 Raimundo Girão
- 2 Contos de Oliveira Paiva
- 3 Literatura Cearense Sânzio de Azevedo
- 4 Falas Acadêmicas
- 5 As Outras Cunhas Milton Dias

869.985 195410 2.2

A Cláudio Martins

No título está implicito que antes destas apareceram outras — e é certo. Em 1966 soltei As Cunhãs, estórias e crônicas, edição limitada da "Comédia Cearense", experiência editorial que um jovem, pequeno grupo tentou corajosamente. E garanto que, no pouco que andaram, aquelas mulheres foram bem recebidas, posso dizer que fizeram algum sucesso, não bem por mérito meu — que apenas as reuni e as contei — mas por elas mesmas, servidas de um charme tão independente que dispensa ajuda. Na verdade, só precisavam mesmo de quem as apresentasse.

Agora vem aquela clássica, modesta, inevitável explicação: animado, pois, pela acolhida generosa da critica etc. etc. — venho reincidir: trago outro magote de cunhãs, na mesma linha, com o propósito de fixar tipos verdadeiros, que estão no nosso cotidiano, tão ricos no conteúdo e na forma que é uma pena vê-las aos poucos desaparecendo da nossa copa e da nossa cozinha. E ainda se tornam mais raras aquelas que se integram na família alheia como parentas postiças, tomando, por sua vez, os filhos da casa como seus, amando-os, protegendo-os, cuidando deles com uma ternura que vem da mãe-preta e lhes garante um lugar definitivo na benquerença de todos. Cá no Nordeste são poucas as familias que não têm uma destas reliquias, tratadas até o fim com o carinho que merecem, que é uma forma de agradecimento pelas noites indormidas no punho da rede do menino, acalentando na doença, embalando na insônia, acompanhando-lhe a vida com desvelo e interesse incansáveis. E, mesmo quando

casam, as antigas babás não se desligam, constituem familia paralela, trazem os filhos para afilhados daqueles outros que foram seus pupilos.

Tem delas que não se fixam, é claro, feito aves de arribação, que já se empregam com o ânimo andejo, com a intenção de fazer uma temporada e partir para outro emprego, outro bairro, outra cidade, cumprindo e desfrutando um nomadismo que tem lá seus encantos, visto do seu prisma.

Outras se tresmalham, "caem na vida", como é de uso dizer aqui, ganham caminhos e madrugadas, vão ser amadas, ou exploradas, compondo aos poucos seu imponderável patrimônio de lembranças e alumbramentos que nem sempre tem direito a happy-end.

Em algumas zonas do Ceará, a "cunhã" é a doméstica, mesmo que tenha a pele branca e o olho azul: o designativo lhe é atribuído pela sua condição de serviçal. Noutras áreas, cunhã é a mulher de cor — e aí percorre toda uma gama, da preta à mulata, ao gosto do freguês. Para outros, ainda, é a mulher de baixo nível social que se prostitui. Enquanto na zona sul do Estado, lá no Cariri, o termo é desconhecido. Aqui neste volume estão reunidas as representantes dos três tipos acima falados, predominantemente a empregada em casa de familia, que agora tem direito a carteira do INPS. E outros direitos também, elas sabem.

Repito o que disse no livro anterior, porque aqui as intenções são as mesmas: quanto à posição da cunhã, sua atuação, influência na família nordestina, melhor será deixar tudo a cargo dos sociólogos. Que eu mesmo só me proponho a contar algumas estórias delas, cunhãs em geral, sem nenhuma pretensão interpretativa, sem visar especialmente ao anedótico, sem situá-las no plano puramente folclórico, sem o propósito de ridicularizá-las; antes, reconhecendo seus aspectos positivos, mostrando seus méritos, às vezes suas falhas, pecados e quedas a que toda gente está sujeita. E ressaltando, cada vez que

foi oportuno, a grande colaboração que se lhes deve, sublinhando-lhes o lado humano, mostrando todo o vário e rico colorido da sua personalidade, fiel ao constante interesse que a humanidade me desperta sempre.

As cunhãs vêm de longe. Nas fazendas, nos sitios, nos sobrados, na cidade, na roça, nas velhas casas patriarcais, nas cozinhas, nos alpendres, nos terreiros, varrendo, cosendo, ninando, plantando, cozinhando, servindo à sinhá, atendendo ao senhor (em tantas circunstâncias!) laborando, sofrendo, cantando, amando, sendo amada, esteve sempre presente aqui no Brasil a serviçal de cor. Inicialmente a puro-sangue, depois, concomitantemente, sem que desaparecesse a figura simpática da preta, vieram a mulata, fundação afro-luso-brasileira, a cafusa, a cabocla e outros produtos da miscigenação negro-índio-branco, num processo de caldeamento que se deu muito brasilmente e produziu estranhos, graciosos resultados: por toda parte foram surgindo os elementos novos, filhos do cruzamento vário.

E se trago estas outras cunhãs para o vosso convivio, não será, insisto, com a intenção de mostrar o pitoresco, o picaresco, o engraçado fácil, muito menos com o intuito de caricaturá-las: meu desejo é apresentá-las da forma mais verdadeira e mais humana, exatamente assim como são. Pois se algumas são santas, não me cabe a glória da sua santidade. Se outras, que estão no livro, nunca se empregaram, se são vadias pela própria natureza, se são mal comportadas, se se perderam, não terá sido por culpa minha, nem deixam de ser cunhãs, como são chamadas lá no meu sertão. Vieram todas participar deste animado grupo que reuni sem pretensão e entre as quais, provavelmente, identificareis algumas das que estiveram na vossa casa e na vossa estima, no vosso afeto ou no vosso desagrado.

Nestas estórias vividas ou testemunhadas na noite, no dia, numa beira de praia, num canto de sertão, num ônibus, num bar, à luz do sol ou da lua, na capital ou no interior, as cunhãs estão presentes, porque estão ainda por toda parte, na colheita do café, na apanha do algodão, estão na beira do fogo, na beira do rio ou do açude batendo roupa, estão no interior e no litoral ou estão por aqui mesmo, onde são encontradiças freqüentemente mudando de emprego e se entregando a sarandaidas pelas gafieiras. Ou emigraram, estão fazendo a cidade grande, vão andando por ai, nos mais diversos misteres, de dia fazendo a cozinha, de noite batendo a calçada. Elas são assim mesmo, as cunhãs.

M.D.